

TATIANA BELINKY E O TEATRO COMO ATIVIDADE EDUCATIVA

Profª. MS. Estefânia Maria ALMEIDA MARTINS

RESUMO

Este artigo se propõe a fazer uma explanação acerca do caminho de Tatiana Belinky pelo teatro infanto-juvenil, notadamente entre os anos de 1949- 1951, veiculado através do Teatro-Escola de São Paulo – TESP - grupo de teatro semi-amador especializado em apresentar espetáculos para crianças e adolescentes nos teatros de São Paulo e em outros espaços cênicos, aonde fosse possível a realização de apresentações teatrais. E, por reunir em sua trajetória o conhecimento de idiomas como russo, alemão, francês e inglês, Tatiana Belinky traduzia peças de grandes autores teatrais, adaptava-as e dirigia o grupo do TESP. Após esse período, Tatiana Belinky, exercendo a mesma função, é convidada para a televisão brasileira, desta feita, também com o *Sítio do Pica Pau Amarelo*, adaptação da obra de Monteiro Lobato.

Palavras-chave: Tatiana Belinky, teatro infanto-juvenil, criatividade.

A TRAJETÓRIA DE TATIANA BELINKY

Histórias de vida, quando narradas e escritas, partem de fatos que marcaram certo tempo vivido, rodeado de memórias que permitem que cada recordação sirva de construção para um novo olhar, expresso por fases e acontecimentos marcantes ocorridos na infância, na adolescência, na juventude e na maturidade.

Assim se comporta a escritora de livros infanto-juvenis Tatiana Belinky. “Rodeada de memórias”, as lembranças de datas e fatos vão surgindo e “cada recordação serve, acima de tudo, como estímulo para um novo livro, de uma nova crônica, uma nova possibilidade de trabalho” (ROVERI, 2007, p.160).

Apesar de uma artrite que provoca inchaços nos dedos de sua mão, não lhe permitindo o uso do computador, para Tatiana isto não representa dificuldade: “a cabeça está ótima, o problema é a carcaça. Hoje eu só viajo com os livros e com minha imaginação. É um método muito mais fácil e barato de viajar, e que não causa nenhum problema de coluna” (ROVERI, 2007, p.16).

Na pródiga memória de Tatiana, “flui a maior de suas habilidades” – a de contadora de histórias, propagada através de roteiros de programas infantis, adaptações para o teatro, traduções, livros de crônicas, poesias, crítica de jornal e de livros infanto-juvenis, realizados em mais de cinquenta anos de trabalho, desde sua chegada ao Brasil, em 1929.

A autora que ora observamos, assim se apresenta:

Vim ao mundo no dia 18 de março de 1919, em plena guerra civil. A Revolução Russa havia eclodido em 1917, dois anos antes. Quando eu tinha pouco mais de um ano, derrotados pela crise econômica, meus pais voltaram para a Letônia, um pequeno país do Mar Báltico e que era a terra natal deles. Rosa era o nome da minha mãe. Ela se formou em Odontologia na Estônia, em 1914. Ela era comunista dentista. Pouco antes de meu nascimento, meu pai estava estudando psicologia em um liceu de São Petersburgo. Meu pai era quase três anos mais novo que minha mãe. Ela se formou e ele não teve tempo de concluir o curso por causa da guerra. Estávamos no início do século XX e meu pai já estudava psicologia. Meu pai se chamava Aron, um nome bíblico, o irmão de Moisés. O sobrenome Belinky, em russo, quer dizer branquinho. Eles eram *prafrentex*, meus pais. (ROVERI, op.cit. p.23-24).

Tatiana Belinky vive em São Paulo, em um sobrado localizado em rua tranquila do bairro Pacaembu, há 56 anos. Ali, nasceram e cresceram seus filhos e netos. Tatiana não se sente sozinha, porque sabe ficar sozinha com sua imaginação. Apesar das lembranças de momentos dolorosos como a

morte do marido Júlio Gouveia, causada por doença do coração e do filho André, ocorrida na França por atropelamento, ela demonstra ter excesso de humor e poesia em sua vida: “poesia e humor são fundamentais na vida, como a literatura e a convivência com os outros” (ROVERI, p.203). Foi também na cidade de São Paulo que Tatiana e Júlio Gouveia adaptaram textos originais da obra de Monteiro Lobato para a TV. Tatiana escrevia, Júlio dirigia e apresentava. À época, foi criada a primeira versão do *Sítio do Picapau Amarelo*. As soluções caseiras faziam parte das histórias em que as crianças do “sítio” viajavam no tempo com o pó do *pirilimpimpim*.

De modo simples, lembra Tatiana:

Tinha o reino das águas claras, que a Narizinho vai para o fundo do rio, encontra o príncipe peixinho e acontecem coisas lá. Como mostrar isso? Aí eu tive uma idéia, porque nós tínhamos aqui, nesse lugar, um aquário. Eu disse: “Sabe de uma coisa? Leva isso aqui para lá, põe na frente da câmera e põe os atores representando atrás, através da água. Olha: deu certo”. (PROGRAMA AÇÃO - Rede Globo, 22/10/2009).

Muitas foram as soluções caseiras encontradas pelo casal para suprir a carência de tecnologia em um meio de comunicação como a TV, ainda em sua fase inicial, aqui no Brasil, sem recursos capazes de absorver impressões decorrentes da imaginação de seus adaptadores. Não foi por acaso que o sucesso do *Sítio do Picapau Amarelo* percorreu aproximadamente uma década, atingindo uma audiência de 70 a 80 por cento em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, numa época em que a aquisição de aparelhos de TV se limitava a pessoas de alto poder econômico. Além disso, havia restrições quanto à criação de novas emissoras, notadamente nas cidades mais desenvolvidas do país. Segundo informa Pedro Luiz Padovini, “com exceção da capital Belo Horizonte, as capitais do restante do país puderam contar com estações emissoras apenas a partir de 1959”. (PADOVINI, 2006, p.27).

Para Tatiana Belinky, o escritor Monteiro Lobato foi um divisor de águas: “antes dele, produziam-se livros chatérrimos para as crianças. Eram obras moralistas que diziam isto pode isso não pode, e por aí. Livros chatos que falavam mal até dos contos de fadas que, segundo eles, eram fortes demais e traumatizavam as crianças”. Tatiana considera estas opiniões infundadas: “nem as canções de ninar, como o boi da cara preta, traumatizam as crianças. São acalantos e as crianças dormem muito bem”. (ROVERI, p.121).

Para a crítica, Tatiana Belinky é considerada uma das escritoras de livros infanto-juvenis mais conhecidas no Brasil. Desde cedo viveu rodeada de livros. Quando criança estudou no Mackenzie por quase oito anos. Aos 18 anos cursou Filosofia, segundo ela, por um motivo prático: trabalhava como secretária bilíngüe em um frigorífico de americanos que ficava próximo à faculdade, no Largo de São Bento. Foi neste curso que conheceu o crítico de teatro Clóvis Garcia, que mais tarde escreveria sobre teatro infantil e, como crítico de teatro, assistiria, no Teatro Municipal, no ano de 1948, à primeira apresentação de Tatiana: uma adaptação de *Peter Pan*, do escocês Matthew Barrie, com direção de Júlio Gouveia.

Quando seu pai morreu, Tatiana estava com 20 anos, sua mãe não estava trabalhando e seus dois irmãos eram adolescentes. A mãe então decidiu que a filha daria continuidade aos negócios do pai. Embora deprimida e insegura, Tatiana se esforçava para corresponder aos desejos de sua mãe. Já casada com Júlio Gouveia, e com o filho Ricardo prestes a completar um ano, o casal viaja para Nova York, ele, como acompanhante, e ela, com o objetivo de conhecer os clientes para fortalecer as parcerias deixadas por seu pai. Era o ano de 1943 e os Estados Unidos estavam em guerra. Apesar do momento delicado e da nacionalidade russa, foi possível superar as dificuldades, pois Tatiana dominava bem o idioma. Desta forma, o casal permaneceu no país por um mês, dada a necessidade de visitar clientes que se espalhavam por várias cidades. Tatiana conseguiu conservar todos os clientes. Financeiramente estava bem, mas não gostava do trabalho que exercia. Apesar da ajuda de seu irmão e do marido, o trabalho de maior responsabilidade era executado por ela. (ROVERI, p.108-110, p.119).

A propósito desta fase de sua vida, Tatiana informa ter sido de muita depressão; afinal de contas, passava muito tempo chorando como quando tinha quatro anos e colecionava os livros para chorar: “antes dos quatro eu não lia, mas meu pai lia tudo para mim. Na estante, havia um lugar reservado para os meus livros de chorar. Eram histórias tristes, boas histórias que me emocionavam. Havia uma especialmente triste, sobre a morte de uma urso. Então, quando eu sentia angústia e precisava chorar, pegava aqueles livros e chorava. Mas não era por minha causa. Eu não me daria o luxo de chorar por minha causa, mas por causa do livro”. (ROVERI, p.120). Esta historinha vivida por Tatiana menina transformou-se em livro: *Chorar é Preciso?* Com ilustrações de Graça Lima, a obra foi selecionada pela FNLIJ para o catálogo da Feira de Bolonha (Itália) em 2002.

Quais seriam então, no meio de tanta diversidade de atividades desempenhadas, os gostos preferidos de Tatiana? Em entrevista concedida às jornalistas Alessandra Siedschiag e a Ana Paula Xavier, ela declara gostar de tudo o que se refere à fala¹.

Desde os tempos de escola, Tatiana demonstrava gostar de ler e aprender línguas, principalmente espanhol e latim, também gostava de francês e inglês, além do russo, seu idioma de origem. Comparando estas línguas ao som de música, ela declara que a fonética russa é “bem próxima do português do Brasil, porque tem as vogais abertas. O de Portugal amontoa as consoantes. Mas é que o brasileiro fala muito devagar, usa as vogais”. E, cheia de admiração por sua terra, elogia: “é cantante, a língua russa. E muito bonita. Tem uma literatura maravilhosa”. Além dessas preferências, Tatiana sempre gostou de poesia, de ritmo e de cadência².

Para uma escritora que se utilizou da leitura desde muito cedo, logo surgiu o desejo de contribuir com a formação de uma consciência pautada na ética, no social para si e para seus leitores, através de uma literatura de bom nível poético, na qual o humor ocupa um lugar de fundamental importância. Faz-se necessário entender como se forma essa consciência, como ela se desenvolve nos horizontes de leitura percorridos pela escritora em sua produção literária. Essa responsabilidade sempre esteve evidente na paixão pela profissão, no modo de oferecer ao público uma leitura formativa, manifestada por meio da promoção de conteúdo ético e de uma linguagem capaz de ser percebida pelas alusões às informações contidas nela própria, isto é, a linguagem muito frequente na imagem emitida pelos meios televisivos é quase sempre evidenciada através do uso de signos do vestuário da época e da própria linguagem.

Sérgio Roveri, jornalista e dramaturgo, autor da biografia de *Tatiana Belinky...e quem quiser que conte outra*, assim descreve Tatiana:

Várias coisas me surpreenderam nas declarações de Tatiana, mas principalmente a clareza de raciocínio, a memória prodigiosa e seu grande respeito pela cultura nacional. Fiquei impressionado em ver como uma mulher nascida na Rússia, alfabetizada em russo e alemão, se apaixonou perdidamente pelo nosso idioma, pelo Brasil e pelo nosso estilo de vida, a ponto de se tornar uma referência na literatura infantil³.

Tatiana Belinky é uma escritora de marcante presença no meio cultural e também importante figura na crítica, na tradução, na edição e no que se refere ao teatro e à literatura infanto-juvenil no Brasil. Sempre se diverte com o que está realizando, primeiramente, escrevendo peças e adaptações para o teatro dirigido para crianças e jovens. Por quase 13 anos foi roteirista, fazendo quatro programas semanais, depois, fez jornalismo e por último e, atualmente, tem sido escritora de livros infanto-juvenis.

Muitas são as premiações e homenagens recebidas por Tatiana Belinky pelas suas produções e adaptações de peças teatrais. Como autora de livros infanto-juvenis, resalte-se: Melhor Escritora de TV, Revista Manchete – 1960; “Mérito Educacional”, EXPO ESTUDANTIL, CBL (Câmara Brasileira do Livro) – 1978; Prêmio Mérito APCA por 30 anos de atividades em Teatro e Literatura Infanto-Juvenil (Associação Paulista de Críticos de Artes) – 1979; Prêmio Fernando Chinaglia, “Personalidade Cultural da UBE” (União Brasileira de Escritores) – 1982; Prêmio homenagem da 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira na área de Literatura Infanto-Juvenil – 1988; Prêmio Jabuti, da CBL, (Câmara Brasileira do Livro) de “Personalidade Literária do Ano” – 1989; Prêmio ABRINQ – Homenagem da Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos – Fundação ABRINQ pelos direitos da criança – 1991⁴.

Em se tratando de traduções e adaptações, Tatiana foi agraciada com as seguintes premiações: Prêmio “Monteiro Lobato”, de tradução da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (por *Salada Russa*) – 1988; Prêmio “Monteiro Lobato”, de Tradução da FNLIJ (por *Di-versos Russos*) – 1990; Prêmio Altamente Recomendáveis Tradução 1990 (por *Di-versos hebraicos*); Prêmio Altamente Recomendáveis Poesia 1993 (por *Diversos alemães*)⁵.

Entre as homenagens recebidas por Tatiana destaca-se *A Balada Literária*, no mês de novembro de 2008, evento idealizado pelo escritor Marcelino Freire que reúne literatura e boemia na Vila Madalena-SP, em seu terceiro ano, com cerca de 60 autores distribuídos em sete espaços da região. No espaço que abriga a Livraria da Vila, Tatiana foi protagonista de uma conversa em que a atriz Ana Luiza

¹Eu fiz parte de júri de textos, de teatro, de livros de histórias para crianças, para adultos, e vem tudo com pseudônimo, ninguém sabe quem é. E eu leio três linhas e digo: esse é mineiro, esse é carioca, esse é gaúcho. Tem sotaque na escrita! O jeito de falar, como se forma a frase e até as palavras que se usam não se escondiam de mim de onde era, de que Estado. E acho lindo, acho tão interessante sotaque! Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/inspiração/noticias>>. Acesso em 10/04/2009.

² Disponível em: <<http://delas.com.br/inspiração/noticias>>. Acesso em 10/04/2010.

³ Disponível em: <<http://dcomercio.com.br/especiais>>.

⁴ Disponível em: <<http://literaturainfantil-tatianabelink.blogspot.com>>. Acesso em 01/11/2010.

⁵ Disponível em: <<http://fnlij.org.br/saloes/4salao/editoras/scipione.htm>>. Acesso em 01/11/2010.

Lacombe, famosa contadora de histórias, fez *performance* de dois livros de Tatiana: *O Grande Rabanete* e *Dez Sacizinhos*⁶.

Em outubro de 2009, o Programa “Ação”, da Rede Globo a homenageou pela passagem de seus 90 anos. A programação contou com três momentos distintos: primeiramente, a repórter Neide Duarte mostrou como vive a escritora em sua residência. Em seguida, a mesma repórter, dá continuidade ao seu trabalho, agora em uma escola da cidade de São Paulo, em que uma professora, na sala de leitura, apresenta a obra da escritora para seus alunos, e, por último, Tatiana Belinky presente nos estúdios da TV sendo entrevistada pelo apresentador do programa, Serginho Groisman⁷.

Recentemente, no mês de março de 2010, Tatiana foi homenageada na quarta edição do Prêmio Zilka Sallaberry de Teatro Infantil por sua importância como uma das mais importantes escritoras infanto-juvenis contemporâneas. O evento foi realizado pelo CEPETIN (Centro de Pesquisa e Estudo do Teatro Infantil) sob o patrocínio da operadora telefônica Oi⁸.

Entre antologias, traduções, adaptações de clássicos infanto-juvenis, crônicas, poesias, somam-se, aproximadamente 200 publicações. Seu primeiro livro foi publicado em 1987, *Limeriques*, que são poemas curtos de cinco versos, contando estórias rimadas. De lá para cá, Tatiana não parou de escrever. Entre os mais conhecidos livros infantis, destacam-se *Que Horta* (1987); *Assim Sim!* (1992); *O Caçador Valente* (1995); *Chorar é Preciso?* (2001); *Bregaliques* (2002); *Las apariencias engañan* (2004); *Bisaliques* (2005); *Limeriques da Coroa Implicante* (2006); *A Cesta da Dona Maricota* (2007); *O Caso do Vaso* (2007); *Quatro Amigos* (2007); *O que eu quero* (2008); *As Coisas Boas Do Ano* (2008); e *Os dez sacizinhos* (1989) que mereceu o célebre Prêmio Jabuti, recebido em 1989.

Dentre os livros sobre Crônicas escritos por Tatiana Belinky destacam-se: *Transplante de Menina* (2003); *Olhos de ver* (2004), *Mentiras...e Mentiras* (2004), *Onde já se viu?* (2004), *Teatro para a Juventude* (2005), *17 é TOV!* (2005) e *Sustos e sobressaltos na TV sem VT e outros momentos* (2005), alguns com várias reimpressões.

Em *Teatro Para a Juventude* (2005), Tatiana apresenta quatro adaptações para o teatro dos contos *Édipo Rei* (para os íntimos); *Os Dois Turrões*, peça baseada num conto popular; *As Orelhas Do Rei*, inspirada em N. Hawthorne e *Muitas Luas*, inspirada num conto de James Thurber. Os contos adaptados foram encenados por atores do Teatro Escola de São Paulo e atrizes remanescentes do Teatro Amador do SESC com o nome de “Teatro da Juventude” (Belinky, 2005, p.5).

Em *Sustos e sobressaltos na TV sem VT e outros momentos* (2006), Tatiana dividiu o livro em duas partes: na primeira, “TV sem VT” conta suas experiências de teatro e TV e, na segunda parte, Tatiana fala de “Outros Momentos” em que se refere a acontecimentos interessantes e curiosos ocorridos em sua vida.

Tatiana Belinky também lançou um livro de poesias e limeriques, apesar de não se considerar poeta “não sou poeta, sou uma traça-rimas” declara em *Um caldeirão de poemas* (2003), livro que ela apresenta 63 poemas, quadrinhas, canções, cantigas, acalantos, rimas, odes e versinhos que falam de aventuras, de trabalho, de amor e de saudade. Nesta obra, podemos encontrar clássicos da literatura universal, traduzidos por Tatiana do russo, do inglês e do alemão e textos da própria autora, entre eles “Boa Minhoca”, “Sem medo do medo”, “Que delícia”, além de seus “Limeriques”.

Como tradutora, Tatiana realizou trabalhos que merecem ser ressaltados como: *Salada russa* e “*Causos*” russos publicados pela Coleção ASA-DELTA, ambos pelas Edições Paulinas (1988). Em *Salada russa* estão reunidos trabalhos de escritores universais entre eles Tólstoi, Gorki, Púchkin, Tchekov, Liérmontov, Turguêniev, Gárchin. “*Causos*” russos, reúne contos de humor do escritor Mikail M. Zóchtchenko. Em alemão, Tatiana traduziu *Os contos de Grimm*, clássicos da literatura infanto-juvenil. Em hebraico, traduziu *Di-versos hebraicos*, livro, que, além dos poemas traduzidos, conta também com uma pequena biografia de cada autor: Anda Amir, Miriam Yallan-Shtekli, Saul Tchernitvsky, Lea Goldberg, Haym Naccman Bialik, Abraham Halfi, Itzhac Leibush Peretz, Dan Peguis, Yeuda Atlas e Aharon Ze’ev.

Em 2008, as narrativas de quatro contos da Coleção Tapete de Histórias, publicados pelas Edições Paulinas foram reescritas por Tatiana: Dois contos dos irmãos Jacob Grimm e Wilhelm Karl Grimm, “Capuzinho Vermelho” e “Joãozinho e Mariazinha”, viraram *História de Lobo* e *História de Terror*. Um conto de Charles Perrault, “Cinderela”, virou *Sapatinho de Cristal*, enquanto “A história de uma ervilha” é uma nova versão do quarto conto, de Hans Christian Andersen, “A princesa e a ervilha”, contada pelo Papai de Lenita, passou a *História de uma ervilha*.

Mais quatro contos, da Coleção “Tapete de Histórias” foram lançados em 2009, seguindo a mesma ideia de histórias reescritas por Tatiana Belinky. Dois contos de Hans Christian Andersen, “A pequena Sereia” e “A roupa nova do Imperador”, passaram a *História Molhada* e *Uma roupa muito*

⁶ Disponível em: <<http://lerparacrescer.com.br>>. Acesso em 09/02/2009.

⁷ Disponível em: <<http://acao.globo.com.br>>. Acesso em 22/10/2009.

⁸ Disponível em: <<http://rioecultura.com.br>>. Acesso em 01/11/2010.

especial respectivamente. Outro, de Charles Perrault, “O gato de Botas”, virou *História de Gato*. O quarto conto, dos irmãos Jacob Grimm e Wilhelm Karl Grimm, “O alfaiate valente”, recebeu o título de *O mata sete*, por Tatiana. Em todas as oito publicações, 2008 e 2009, o trabalho primoroso de ilustração foi realizado por Edu.

O teatro sempre fez parte da formação da escritora Tatiana. Desde pequena seus pais costumavam levá-la para assistir a peças teatrais. Ela relata em *...E quem quiser que conte outra* (2007), que sua casa era palco de encenações: “entre o meu quarto e o dos meus pais havia uma porta larga que abria para os lados. Meu pai até improvisou um balanço lá, entre os dois quartos. Meus primos penduravam alguns lençóis e colchas no batente e faziam teatro” (ROVERI, 2007, p.47). Assim, o quarto de Tatiana abrigava o espaço do teatro e o de seus pais, a platéia. Deste modo, ao chegar ao Brasil Tatiana já acumulava alguma experiência em teatro: “eu sabia o que era teatro. Eu lia peças de teatro. Como eu conseguiria, mais tarde, escrever peças de teatro sem nunca ter tido aulas de dramaturgia? Eu sabia como se escreve teatro”. (ROVERI, 2007, p.47).

Embora, seu primeiro contato com o palco tenha sido na Letônia, terra natal da família, foi aqui, no Brasil, no ano de 1948, que Tatiana começou a fazer teatro para crianças. Tudo começou como uma brincadeira, ao apresentarem, ela e Júlio, uma cena da história de *Peter Pan* para a filha de um amigo que aniversariava. Presentes à festa, umas senhoras que faziam parte de uma sociedade de leitura ficaram encantadas com a apresentação e sugeriram aumentar a cena de 20 minutos para uma hora e levá-la ao Teatro Municipal. Assim ocorreu e resultou em teatro lotado e o início de uma longa história de trabalho em adaptações e criação de peças infantis para a Prefeitura Municipal de São Paulo com o TESP- Teatro-Escola de São Paulo. (ROVERI, 2007, p.70-72).

Esse grupo de teatro semi-amador, especializado em espetáculos para crianças e adolescentes, funcionou na cidade de São Paulo, de 1949 a 1964. Teve sua estréia no Teatro Municipal, mas se apresentava, ininterruptamente, nos teatros da Prefeitura de São Paulo, levando a montagem a cada semana a outras salas, primeiro, nos teatros do Centro, indo, em seguida, aos bairros, aos espaços cênicos, às bibliotecas e a outros locais onde fosse possível a apresentação do grupo. Desta forma, o grupo do TESP, durante três anos, manteve essa atividade, sempre com casa lotada só de crianças, com entrada franca, todavia com ingressos numerados e programas impressos. A organização dos eventos ficava a cargo da Prefeitura que cedia os ônibus para levar as crianças que saíam dos parques infantis. Também anunciavam nos bairros, através de auto-falantes, o espetáculo a ser apresentado naquele dia. Foi um momento muito significativo para Tatiana, pois esta experiência proporcionou uma aquisição instrutiva à sua vida profissional, ao atuar como escritora dos textos originais, e responsável pelas adaptações e traduções, e Júlio Gouveia, seu marido, como diretor artístico⁹.

Tatiana fala desse período que durou quase três anos (1948-1951) e em que atuava em todos os finais de semana:

Foi uma experiência muito boa porque inúmeras crianças iam ao espetáculo acompanhadas de um monitor, sem os pais por perto para atrapalhar. Pais atrapalham muito em teatro infantil. Ou sentam na frente da criança, que não enxerga nada, ou ficam mandando calar a boca, mandando bater palma. Perturbam e inibem as crianças. Ao passo que um teatro lotado de crianças, com um monitor só em volta, é o melhor público do mundo, o mais espontâneo, o mais verdadeiro. (ROVERI, 2007, p.75).

Em 1950, primeiro ano de operação da televisão no Brasil, a TV Tupi de São Paulo convidou o grupo de teatro do TESP a apresentar-se com uma programação de natal para crianças. Dado o sucesso causado por esta apresentação, foram convidados pela mesma TV a fazer um programa semanal, cujo título era *Fábulas Animadas*. A cada semana Tatiana escrevia uma fábula que era transmitida, ao vivo no horário matutino com os mesmos atores do TESP. Dada a grande aceitação do público, que telefonava pedindo mais, o programa transformou-se em seriado. A TV, apesar de contar com programas de auditório, não possuía um programa específico para crianças. Foi então que Júlio Gouveia e Tatiana foram solicitados pela emissora a trabalhar com uma temática brasileira. A escolha recaiu sobre a obra de Monteiro Lobato, uma teatralização adaptada por Tatiana e dirigida por Júlio Gouveia, passando à série *Sítio do Picapau Amarelo*, também adaptação às obras daquele autor. (ROVERI, 2007, p.79-80).

Como roteirista de televisão, explicita Tatiana em *Sustos e sobressaltos na TV sem VT e outros momentos* (2006):

Os nossos teleteatros semanais, na antiga TV Tupi, de São Paulo, eram todos feitos ao vivo, sem cores, como teatro mesmo, e recebidos nos receptores do público em transmissão direta. Eram segmentos de capítulos de cerca de quarenta minutos: uma minissérie, transmitida duas vezes por

⁹ Disponível em: <<http://grupocad.blogspot.com/2007/jlio-gouveia-e-tatiana-belinky.html>>. Acesso em 05/05/2009.

semana, e o *Sítio do Picapau Amarelo*, uma vez. E, aos domingos, um “teatrão” completo com mais de uma hora e meia de duração. Sem intervalo comercial e com um único patrocinador para cada programa! Agora imaginem só que trabalho era esse! Eu tinha de escrever o texto, o roteiro, a toque de caixa (as minhas telepeças eram adaptações da melhor literatura brasileira e estrangeira, já que a nossa proposta era fazer teatro divertido e promovendo o livro e a leitura). Eu tinha de produzir o *script*, copiá-lo em um arcaico mimeógrafo a álcool (o xérox ainda levaria anos para chegar), distribuir as cópias aos autores e técnicos – iluminadores, sonoplastas, cenógrafos etc. E, ainda, reuni-los, fazer uma leitura preparatória do texto, decorá-lo, ensaiá-lo com o diretor artístico e no dia seguinte, levá-lo ao ar direto, e seja o que Deus quiser! (BELINKY, 2006, p.5-6).

O envolvimento de Tatiana com atividades na televisão e no teatro evidencia a personalidade de uma mulher extremamente preocupada com o resultado de um trabalho, que não era somente de uma pesquisadora, adaptadora e escritora de roteiros e peças teatrais, mas de uma equipe comprometida em levar ao ar um espetáculo de modo sério e qualitativo. Por conta do compromisso com o público de maioria infantil, Tatiana assumia para si a tarefa de verificar, antes de qualquer apresentação, se todos os envolvidos estavam cientes do seu papel, mesmo os iluminadores, sonoplastas, cenógrafos, etc., profissionais que exercem funções técnicas.

Assim, cerca de 1500 textos do casal, apresentados na TV, promoveram intensamente a literatura e a leitura onde a emissora alcançava audiência. Em 1968, o *Sítio do Picapau Amarelo* passou a ser apresentado pela TV Bandeirantes, ficando somente por catorze meses. Desde então, Tatiana dedicou-se a escrever para o público infanto-juvenil. Conforme artigo publicado pela L&PM Editores, ela afirma “que não abandonou a curiosidade típica das crianças: ‘eu não quero me empobrecer, quero me enriquecer, quero tudo que é bom. Quero ter visão panorâmica’”¹⁰.

A FUNÇÃO DO TEATRO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O teatro que faziam Tatiana Belinky e Júlio Gouveia tinha a marca de pioneirismo, principalmente por serem precursores de um teatro voltado para crianças e adolescentes, apresentando textos que muito interessavam a esta faixa etária, a exemplo de *Peter Pan*. A seriedade, que sempre esteve presente no trabalho desenvolvido pelo casal, desencadeou uma tese apresentada por Júlio Gouveia para o primeiro Congresso Brasileiro de Teatro. Esta tese baseava-se em uma “filosofia” na qual a função mais importante do teatro para crianças e adolescentes, era a de educar. Esta experiência foi vivenciada no TESP, a partir da convicção de terem realizado um trabalho importante que passou por gerações visando a integração familiar e social, consciente e responsável.¹¹

Tatiana demonstrava muita dedicação em fazer um trabalho voltado para este público infanto-juvenil, mesmo em relação às adaptações de textos de autores não conhecidos como Tchecov. Falando deste autor, ela considera que “o maior desafio naquelas adaptações de um conto russo, por exemplo, era o de criar um clima, fazer remissão àquelas paisagens. Não havia nada de imediato nas obras de Tchecov, as coisas iam acontecendo em seu devido tempo” (ROVERI, 2007, p.170). Tatiana acrescenta que sua preocupação era a de contar histórias que mexessem com as emoções, que pudessem aflorar sentimentos; de riso, choro ou raiva, enfim, era importante mostrar um trabalho sem conotação de moralismos. Este aprendizado, dentre tantos, ela afirma ter adquirido com Monteiro Lobato: “o respeito pela criança, pela inteligência da criança, pela facilidade que a criança tem de entender as coisas. Eu também sabia disso por mim mesma, mas ele foi o primeiro que soube valorizar isso, respeitar a criança, tanto sua inteligência quanto sua fragilidade”. (ROVERI, 2007, p.170-171).

Em seu trabalho como jornalista, Tatiana exerceu vasta atividade. Tinha a função de crítica de uma coluna de TV; escrevia sobre teatro e resenhas de literatura infanto-juvenil, voltados para professores, crianças e jovens e até aos pais, interessados em escolher peças e livros de boa qualidade. Sua esperança era a de que,

como jornalista meu trabalho tenha ajudado a melhorar a qualidade do teatro infantil no Brasil, ou ao menos ajudado a aumentar a divulgação deste gênero. Porque eu conversava com o pessoal do teatro sobre as peças a que eu assistia. Mesmo sobre as quais eu não escrevia, eu também conversava com os diretores, com os atores. Eu só escrevia sobre o que eu recomendava. (ROVERI, 2007, p.171).

¹⁰ Por L&PM, Editores em 16/1/2008, Tatiana Belinky ganha biografia pela Coleção Aplauso. Disponível em: <http://www.lpm-editores.com.br/v3/artigosnoticias/user_exibir.asp?ID094626>. Acesso em 3/2/200.

¹¹ Disponível em: <<http://grupocad.blogspot/2007/02/jlio-gouveia-e-tatiana-belinky>> .

A esse respeito, professores do Departamento de Letras e Comunicação da Universidade de Caxias do Sul – RS, em “O teatro como atividade educativa” publicado em *Letras e comunicação*, observam dois aspectos importantes para a comunicação e expressão no teatro desenvolvido nas escolas: como experiência humana e como atividade educativa. No primeiro aspecto, os alunos se destacam notadamente por “adquirirem uma maior autonomia, por perderem o medo de falar e de escrever” (p.121). No segundo aspecto, “a imaginação é uma forma de ultrapassar a barreira entre a vida material e a espiritual, tão dicotomicamente vistas [...] a transformação por que passa a maioria dos que nele trabalha não é só cultural, mas também humanística e libertadora”. (LETRAS E COMUNICAÇÃO, 1984, p.123).

Por este aspecto, considera-se muito importante incentivar a criação de teatro nas escolas, cujas funções de exibição deixariam de ser as corriqueiras (dias de festa, feriados comemorativos, aniversário do (a) diretor (a), etc), trocando-as pela criação de um espaço para manifestações de anseios e angústias, em que teriam como atividades principais: ler peças teatrais, montar peças, ensaiar e escrever os próprios textos, espaço que em muito contribuiria para uma mudança significativa e qualitativa. Estas mudanças fariam com que os estudantes obtivessem uma compreensão de mundo e deles próprios, com novos olhares e novas perspectivas sobre ele.

O conceito de teatro educacional proposto por Tatiana Belinky e Júlio Gouveia exigia uma postura crítica. Era extremamente importante o cuidado na escolha dos textos e dos produtos que patrocinavam a programação dos teleteatros; aqueles que não se coadunavam com a filosofia do programa eram descartados imediatamente. Esta resolução fazia parte das condições para desenvolver o trabalho na emissora, como esclarece Tatiana:

Claro que nós tínhamos nossas posições. O que se chama hoje de *politicamente correto*, nós fazíamos de outro jeito. Por exemplo, se não queríamos mostrar bebidas e cigarros, então os personagens não bebiam nem fumavam. Mas ninguém precisava dizer que não se podia fumar ou beber, simplesmente não mostrávamos estes hábitos. Nós não dizíamos isso é bom, isso é ruim, faça isso ou faça aquilo. (ROVERI, 2007, p. 137).

Tatiana e Júlio Gouveia entendiam que nem todos os textos utilizados nas adaptações possuíam um caráter didático, mesmo porque alguns autores não escreviam didaticamente, porém, seguiam uma orientação ética, educacional e cultural. O público podia se identificar com o vilão, se ele quisesse:

quando nós fazíamos o Peter Pan em teatros dos bairros mais centrais da cidade, em geral a criançada torcia pelo Peter Pan. Na periferia, a maioria das crianças torcia pelo Capitão Gancho. Você quer sociologia mais nítida do que essa? Não precisava explicar nada. Não precisava mesmo”. (ROVERI, 2007, p.138).

No âmbito cênico e político-social, a “narrativa performática”, termo utilizado por Graciela Ravetti (2002, p.47), referindo-se a “tipos específicos de textos escritos nos quais certos traços literários compartilham com a natureza da performance” as diferentes escolhas das crianças em relação aos seus ídolos refletiam o nível social a que pertenciam. Para os promotores das peças, importava a emoção provocada por meio da apresentação de um teatro que se propunha levar informação e cultura, independente do nível social das crianças e adolescentes.

Tatiana ressalta a necessidade de recorrer à criatividade, dada a dificuldade dos recursos técnicos com que era feito o teleteatro na televisão, ainda poucos e rudimentares, com os técnicos operando apenas com “três grandes e pesadas câmeras e uma grua, ou ‘girafinha’, no estúdio tinham de dar conta de todas as mudanças de cena, superposições, trucagens, e o mais que houvesse”. (BELINKY, 2006, p.6). Este era o espaço de trabalho da equipe que tinha sob sua responsabilidade uma programação infantil que necessitava de muita magia, de muito truque, diferentemente dos dirigidos a adultos.

A forma de apresentação dos programas do *Sítio do Picapau Amarelo* seria um misto de teatro e cinema, como relata Tatiana:

Alguns episódios do Sítio exigiam da gente uma dose extra de criatividade. Um deles foi o programa *No Reino das Águas Claras*. Nós tínhamos algumas cenas dentro de um rio, mostrando inclusive os peixinhos. Como é que faríamos isso? Na época, eu tinha um aquário imenso, com peixinhos e plantas. Eu disse que o Júlio deveria levar o aquário até o estúdio e pedir aos atores que fizessem as cenas atrás do aquário. E isso foi feito. O aquário ficou entre os atores e a câmera. Na televisão, ficou parecendo que os atores estavam dentro da água, com peixe e tudo. Funcionou lindamente. (ROVERI, 2007, p.135-136).

Neste mesmo livro, Tatiana descreve passagens de outros momentos de apreensão da difícil tarefa de montagem dos programas na TV. Muitas vezes necessitou recorrer à sua imaginação e

criatividade, além do que já recorria, na tentativa de aproximar ao máximo a realidade ao seu objetivo e, desse modo, levar efeito à encenação dos textos adaptados, assim como dispor de pessoas para desempenharem as personagens.

É importante esclarecer que o grupo de teatro era composto de atores amadores. Outro problema constante referia-se ao aspecto físico da personagem; não raro, tornava-se difícil encontrar pessoas com as características adequadas para o papel. Exemplificando, Tatiana precisou de um ator para interpretar *Nero*. Após dias de procura, ela não hesitou ao encontrar um senhor saindo de uma livraria (era a cara do Nero - serviria para o papel): “– O senhor é a cara do imperador Nero! E nós precisamos urgentemente de um ‘Nero’ no nosso próximo programa, ao vivo, na semana que vem! Me desculpe o atrevimento, senhor...senhor...”. Conclui Tatiana: “Nem é preciso contar que ele aceitou o convite [...] daquele simpático engenheiro, que, pouco depois, como apareceu, sumiu da nossa vida...” (BELINKY, 2006, p. 16-17).

Ao tratar “A essência do teatro”, em *Prismas do Teatro*, Anatol Rosenfeld apresenta sua compreensão sobre a função do teatro:

O teatro, longe de ser apenas veículo da peça, instrumento a serviço do autor e da literatura, é uma arte de próprio direito, em função da qual é escrita a peça. Esta, em vez de servir-se do teatro, é ao contrário material dele. O teatro a incorpora como um dos seus elementos. O teatro, portanto, não é literatura, nem veículo dela. É uma arte diversa da literatura. O texto, a peça, literatura enquanto meramente declamados, tornam-se teatro no momento em que são *representados*, no momento, portanto, em que os declamadores, através da *metamorfose*, se transformam em personagens. (ROSENFELD, 2000, p.21).

De acordo com Anatol Rosenfeld, o texto literário, no formato teatral, somente pode ser considerado Literatura no momento em que é encenado. Ao contrário do que se pensava, esta forma de encarar o assunto pode contribuir como elemento modificador na compreensão de leitores e estudiosos sobre o assunto.

Acompanhando o pensamento de Rosenfeld, Yan Michalski aborda a questão, em artigo *Literatura e Teatro: o conturbado, mas indissolúvel casamento* (1984).

o código expressivo da encenação, da qual o texto é apenas uma matéria-prima, difere radicalmente do da obra literária, e por conseguinte exige, para ser decifrado, um outro mecanismo de leitura; mas também porque a leitura da obra literária é um ato individual e solitário, enquanto o contato com a realização teatral se dá, para cada espectador, no meio de uma coletividade, circunstância por si só suficiente para alterar o fundo, a natureza e o mecanismo da leitura. (MICHALSKI, 1984, p.52).

Yan Michalski, para provar a lógica de sua compreensão sobre a relação da obra literária e a encenação, faz a seguinte assertiva: “se quisermos levar o raciocínio às últimas conseqüências, poderemos constatar que em alguns casos é a rigor possível fazer teatro, e do melhor, dispensando por completo a linguagem verbal”. (1984, p.52). Yan Michalski vê a possibilidade de fazer-se teatro, também, sem o uso da palavra. Este é um recurso que o autor pode dispensar e não comprometer o espetáculo, passando a personagem a executar outro tipo de ação em sua performance. Ele cita como exemplo um espetáculo apresentado no Brasil que ele considerou um dos mais importantes nesta categoria – *Tempo de Espera* – “onde nenhuma palavra era pronunciada pelos personagens, sendo, portanto praticamente eliminado o elemento literário, sem que tal eliminação resultasse em qualquer empobrecimento do resultado teatral”. (MICHALSKI, 1984, p.52).

Por conseguinte, apreende-se que a “essência do teatro” é a transformação que o ator/atriz é capaz de exercer em uma personagem, tendo como base suas reminiscências ou a força da imaginação. Ao adaptar os modos de falar de suas personagens, Tatiana procurava enriquecer o sentido que o texto poderia exercer, mesmo em caso de personagens conhecidos como a boneca *Emília*, criação de Monteiro Lobato.

No setor infanto-juvenil da Comissão Estadual de Teatro, Tatiana organizou a revista “Teatro da Juventude”, no período de 1965 a 1972, apesar de seus números não serem impressos com regularidade. A pesquisadora Karin Dormien Mellone, em TATIANA BELINKY: *A história de uma contadora de histórias* (2008), dissertação de mestrado em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo, faz um registro sobre esta época:

Em julho de 1965 é fundada a revista “Teatro da Juventude” e no número inaugural ela escreve um artigo onde se dirige aos educadores de São Paulo, falando da importância do bom teatro na formação da juventude. Escreve sobre a necessidade de bons textos para que o teatro escolar se

desenvolva e de que sejam adaptados e atualizados à realidade das crianças e jovens que com eles vão trabalhar... Nos números 4 e 5, de outubro e novembro de 1965, ela fala dos resultados do trabalho, do número de publicações, das centenas de assinaturas não só da cidade e do estado, mas de outros estados. É um balanço positivo das atividades. O terceiro texto que ela publica contém um discurso indignado contra o mau teatro infantil e um elogio à montagem de Romão e Julinha de Oscar Von Pfuhl, uma adaptação de Romeu e Julieta, de Shakespeare”. (MELLONE, 2008, p.89).

O resgate de parte dos números da revista “Teatro da Juventude”, pode ser considerado um fato representativo para a história do teatro infanto-juvenil brasileiro. Com as assinaturas das entidades, escreve Karin Dormien Mellone,

mostra a necessidade que foi suprida pela informação que ela continha. E continua sendo até hoje. No recente Festival Estudantil do SESI ao menos duas peças foram encontradas a partir de pesquisas no Teatro da Juventude”. Formou-se um repertório acessível, simples e liberado de direitos autorais, um vasto campo de pesquisa delimitado por critérios de boa qualidade abrindo um leque de escolha para gerações de estudiosos e praticantes de teatro”. (MELLONE, 2008, p.89).

Após esse período, Tatiana trabalhou, por dois anos, como articulista do jornal *Folha de S.Paulo*, para o qual escrevia duas colunas, uma sobre teatro infantil e outra sobre literatura infantil. Depois de sua passagem por mais dois jornais – *Estadão* e *Gazeta de Pinheiros*, contados sete anos, Tatiana recebe um convite da Editora Ática para escrever contos. Daí em diante, não parou mais de escrever, inclusive para outras editoras. Ao perguntarem quantos livros seus foram publicados, ela responde envergonhada, pelas poucas laudas constantes em um livro de literatura infantil: “são mais de 120, entre traduções, adaptações, poesia e prosa”. (ROVERI, 2007 p. 156).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELINKY, Tatiana. *Chorar é Preciso?* Ilustrações de Graça Lima. São Paulo: Paulus, Coleção Arteletra, 2001.

_____. *Transplante de menina*. 3 ed.- São Paulo: Moderna, 2003, p.21 – Coleção Veredas.

_____. *Onde já se viu?* (Antologia). Ilustrações: Orlando – São Paulo: Ática, 2004 p.37-38, il (Para gostar de ler Júnior; 5).

_____. *Mentiras e Mentiras*. 1ed. Ilustrações: Sérgio Kon. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004, p.31-32.

_____. *Olhos de Ver*. São Paulo. Moderna. 2004.

_____. *Bisaliques – Eta Bisa Boa!*. Ilustrações: Cláudio Scatamacchia. São Paulo. Paulus Ed. 2005.

_____. *Teatro para a Juventude*. Ilustração: Eduardo Carlos Pereira. 1 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. (Coleção passelivre).

_____. *17 é TOV!*. Ilustrações: Maria Eugênia. Companhia das Letrinhas: 2005.

_____. *Sustos e sobressaltos na TV sem VT e outros momentos*. Ilustrações: Luiz Maia. 1 ed. São Paulo: Paulinas 2006. (Coleção espaço aberto).

_____. *Limeriques da Coroa Implicante*. Ilustrações: Elisabeth Teixeira. Paulinas. 2006. (Coleção Cavalinho).

_____. *Quatro Amigos*. Ilustrações: Heloísa Galves. São Paulo. Paulinas 2007. (Coleção Saboramizade).

_____. *Sapatinho de Cristal*. Ilustração: Edu. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção tapete de histórias).

_____. *História de uma ervilha*. Ilustração: Edu. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção tapete de histórias).

_____. *História de Lobo*. Ilustração: Edu. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção tapete de histórias).

_____. *História de Terror*. Ilustração: Edu. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção tapete de histórias).

LETRAS E COMUNICAÇÃO. O teatro como atividade educativa. In: *Letras e Comunicação*. Departamento de Letras e Comunicação da Universidade de Caxias do Sul. 2º semestre. Ano 2, n.5. 1984, p.123.

MELLONE, Karin Dormien. *TATIANA BELINKY: A história de uma contadora de histórias*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2008.

PADOVINI, Pedro Luiz. *TV, Lobato e o Ato da Leitura: A mediação dos sentidos através da narrativa ficcional da TV brasileira*. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2006, p.27.

ROVERI, Sérgio. *Tatiana Belinky: ...e quem quiser que conte outra*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2007. (Coleção Aplauso. Série Perfil/Coordenador Rubens Ewald Filho).